

## Recensão sobre *a pedra que chora como palavras*:

---

Há um tempo para tudo. Um tempo inclusivamente para escrever um primeiro livro que seja, sem qualquer tipo de cedências, um livro com poemas de amor, mas de um amor elevado não só à sua dimensão humana, mas ao amor que o criador sente pela obra criada, o amor do eu poético pelas palavras de si nascidas e por si manuseadas. Nesta obra vamos encontrar uma série de poemas que dão conta de um demorado e profundo trabalho da palavra enquanto recurso, mas sem que som isso se perca a limpidez, a transparência ou a imprescindível chama que faz do momento criativo um tempo único de se ser nobre, uma irrepetível marca da nossa passagem pelos sentimentos que nos ligam ao mundo, bordando assim as fronteiras que nos aproximam e dividem de forma apaixonante do ser que é o outro.

Em *a pedra que chora como palavras*, João Ricardo Lopes convida-nos a entrar num mundo maravilhoso que é o da construção de um ente, de uma criatura híbrida entre este mundo e um outro, que existindo no coração do poeta, vem harmoniosa e lentamente habitar o nosso. Por isso, se torna tão interessante ter em mãos um livro desta natureza, neste tempo carregado de um materialismo cada vez mais desmoralizante, no sentido em que rouba da alma o que à alma mais pertence: a comunicabilidade dos sentimentos, a troca de afectos, o eu espelhado e continuado do espírito do outro. Talvez se encontre a confissão desta crença quando nos diz: «(...) extraímos do último pensamento/ o sílex cortante das pedras:/ porque na vida valeu-nos apenas/ o termos querido amar alguém».

A dúvida que paira sobre esta obra, diria melhor, a intenção de nos levar duvidando pela obra é sobretudo uma: que dimensão têm as palavras deste livro? Que dimensão têm as pessoas deste livro? Quem é afinal o tu deste texto? Sigamos um fio de raciocínio ou de sentimento: as palavras que encontro nestes versos têm um corpo, quase físico, quase algo, ou quase alguém. Propositadamente, julgo, o primeiro poema sintetiza a dúvida encantadora que atravessa a obra, a já referida questão do tu. «(...) nós conhecêramos o líquen escorrido/ das mais puras interjeições/ e este livro ficou a história/ das ternuras que fizeram as palavras/ da mulher que transmudou o poeta». Aqui nos deparamos com um verso quase revelador, porém, em profundidade se entende que seria ligeiro, dizer-se que o tu poético é tão somente a mulher que transmudou o poeta, principalmente por existir a referência às emoções qui descritas como «ternuras» que marcaram mais do que o corpo, ternuras como se diz as palavras da mulher, cuja história também é vertida neste trabalho e que deu origem à transformação do poeta. Uma dedicatória no interior do texto poético extremamente bela e arrebatadora em termos

de intencionalidade. Não nos caberá a nós leitores saber se esta mulher existiu alguma vez, ou se existe de facto; sabemos apenas e tão só da sua existência na vida do poeta, ficando, como deve, reservado o traço autobiográfico ao seu autor.

Veja-se como coexistem as palavras e a concepção de corpo na construção do tu: «(...) nós os poetas/ preferimos o tacto das sílabas e o/ sopro que de longe vem espicaçar-nos/ a pouca luminosidade/ do olhar» ou, de novo no primeiro poema, «desabrocharas o corpo/ quando eu conhecera às palavras/ a saliva exacta (...)». Está-se perante uma atribuição de elementos de natureza física às palavras como se em si se pudesse encerrar toda a magia que conhecemos nas personificações que proliferam nas fábulas que nos povoaram a meninice.

Um outro elemento recorrente nesta obra é a questão do tempo, não só o tempo que se marca ao ritmo de uma vida, mas também o tempo histórico, o tempo associado à durabilidade da ideia, de uma obra que se termina. Na página 12 lê-se: «(...) de bronze são as palavras/ as palavras imperecíveis de bronze (...)». Uma referência à *poética* de Horácio, mais curiosa ainda pela sua existência enquanto manifesta crença na imortalidade da arte. Como se estivéssemos a assistir a um ritual íntimo de mãos que se tocam com alguns milhares de anos de distância, mas com um mesmo aceno do rosto nesta necessidade de se não perecer enquanto artista. Esta é uma das mais interessantes apropriações do tempo que se encontra neste trabalho de João Ricardo Lopes, outra vez, e propositadamente envolver as palavras com um tu corporizável: «(...) de bronze são as palavras/ as palavras imperecíveis de bronze/ que lacrimejam dos teus olhos/ como a tortura ou o silêncio (...)».

Nos versos da página 13 estão sintetizadas e correlacionadas as três linhas de orientação atrás veiculadas: as palavras, o tu feminino e o tempo. Atenda-se a este poema: «quando a lareira vai queimando essas/ palavras mais ébrias de luminosidade,/ és tu quem eu espero/ (...) e com o rastilho dos sonhos/ tu mesma vens procurar-me à/ crusta indecifrável dos dedos: // os dedos que tocam a lareira/ onde é a pedra que chora como palavras». A durabilidade das palavras aqui realçada com a sua associação ao elemento pedra é ainda mais intensa pela alusão que é feita à lareira, atribuindo uma outra vez as características dos humanos ao corpo da palavra, essas palavras «ébrias de luminosidade». Atinge, inegavelmente, um clímax esta relação que se pretende criar acerca da identidade do tu deste livro. Perguntar-se-á: quem é que chega à «crusta indecifrável dos dedos»? Que melhor alusão se poderia criar para a significância que se tem das relações de amor que batem no coração do mundo?

Muitas vezes, dir-se-ia, muitas horas, a caneta não é objecto, é aquilo que o autor apelida de «um gesto sorrateiro» inicial, iniciático, que dá origem a uma intimidade que se restringe ao acto de

escrita, resultando daí uma autobiografia ao serviço do outro e não de si. A caneta a que dedica um poema, a sua, a de todos nós, a que escreve e a que gostaria de ter escrito ou de poder escrever um dia. A caneta como a caracteriza: «(...) um corpo masculino, lastrando-se pelo/ sémen azul das palavras e/ ao mesmo tempo uma janela voltada/ sobre a noite». Acrescento à leitura o prazer desta «janela voltada sobre a noite/ um sussurro implorando silêncio ou/ o dulcíssimo ramalhar da seda/ por entre os dedos» onde se apela também a uma magnânima visão entre o espaço público e o espaço íntimo, legitimando-se mutuamente, acrescentando-se.

A universalidade desta obra que nos transporta pelo lado mais pessoal da literatura de João Ricardo Lopes, encontra-se numa outra síntese, extremamente conseguida, indo de encontro ao que o autor tem assumido enquanto atitude artística: a paixão rigorosa da escrita. Repare-se na intencionalidade desta relação entre os versos que irmanam a forma como a obra nasce: «teia ou gruta ou faringe/ a casa do homem está escondida/ num canto da alma, num canto do/ mundo (...) as rendas, os tecidos, os textos/ lembram o predador da noite/ cismando num poema para a lua». Note-se a possível associação ao acto de escrever através dos vocábulos «teia» (instrumento de estratégia), «gruta» (intimidade) e «faringe» (o que permite a voz que vem de dentro) reforçados, alguns abaixo, por «as rendas» (como teias), «os tecidos» (como resultado de íntimas ligações) e «o texto» (a voz de quem escreve). Parecem-me perfeitamente definidos os pressupostos da escrita: a intencionalidade do texto através da utilização de uma clara estratégia de trabalho literário, a imprescindível emoção que oferece ao verso a necessária veracidade do texto enquanto texto, numa ideia que poderíamos associar ao amado poeta chileno Pablo Neruda, e a existência material do poema enquanto consequência da correlação entre os dois primeiros pressupostos.

Mais à frente encontramos outra área, não menos apaixonante deste livro: a transcendentalidade da arte e a possível extrapolação para as questões de natureza metafísica. Atente-se aos versos onde o poeta escreve: «(...) olhando-te por dentro, tu és a casa/ ou nuvem ou a borboleta, sem/ raiz alguma que nos prenda». Leio neste extracto um primeiro encontro entre a existência de uma ideia de liberdade e de deus, associadas à ideia de arte — a poesia enquanto matéria para o mundo, explícita na expressão de «a casa», porém com a ressalva, além de bela, clarividente, de «olhando-a por dentro»; este lado interior da escrita, lado a lado com expressões que nos remetem para a apropriação do transcendente, pela referência a «nuvem», e de uma liberdade tão subtilmente indiciada pela alusão a «borboleta». Talvez seja também esta uma outra forma de construir a síntese desta margem: a poesia como «liberdade livre», tão rumorizada como devem ser os sentimentos mais nobres e mais abrangentes.

Mas quando se tocam as questões de cariz metafísico, temos a quase inevitável tendência para perguntar pela face dessa entidade suprema. Qual é o deus de João Ricardo Lopes? A resposta é a das mais belas que li até hoje acerca do deus dos poetas, dos artistas, dos criadores, numa só palavra. Li-a neste poema: «como se este bafo de calor/ que trespassa o vidro/ tocasse a mão e a/ levasse a escrever/ assim o outono se dissipa/ no rumor das palavras». A maturidade demonstrada e a habilidade literária são notáveis: a recorrência ao imaginário clássico de uma entidade que se revela através do que é imperceptível ao olhar, como o calor, e um calor que trespassa barreiras, que trespassa corpos, matéria, e que toca a mão como se desse gesto nascesse uma missão, lembrando o célebre toque entre Deus e o Homem de Miguel Ângelo, vem aqui anunciar a missão da escrita para logo a seguir imiscuir o criador com a obra criada, com a justiça plena do universo, num equilíbrio perfeito entre ambos, sem se conhecerem as fronteiras que as separariam. Eis os versos que o demonstram: «(...) assim o outono se dissipa/ no rumor das palavras».

Este é um livro de poesia sobre poesia. Sobre o ofício da escrita, a natureza quase física dos vocábulos. Uma obra com um carácter metapoético que nos conduz pela leve mão das palavras únicas que são aquelas por nós criadas. Apetecia-me ver a cara de Deus quando um dia perguntasse ao autor, o que sentiste tu do mundo? Para que a resposta fosse certamente «senti os poemas do mundo». Esta é a outra forma de compreender a existência, a que se revela, antes e depois das páginas de um livro, mas sobretudo a que existe durante, no coração do leitor que chega e torna suas as palavras do autor. Um livro de poesia sobre poesia, espalhado por versos como: «(...) do mesmo modo que as/ asas trémulas do sonho, quando/ se enchem de vigor e nos fazem/ ultrapassar a difícil solidão dos grafemas», ou ainda no poema seguinte — «(...) quem te quiser amar/ mais do que eu/ feche os lábios/ e veja o sol estoirar por dentro/ desta língua ilimitada».

E de volta à questão inicial da tal dúvida que nos acompanha, livro dentro, encontramos na página 25 a alusão ao papel da mulher que transmudou o poeta e o toque que o entrega à escrita: «(...) quando as palavras/ se desprendem dos teus lábios e eu as reinvento para mim/ e as recoloco uma a uma/ no infinito». Os sinais do mundo entregues ao infinito do espírito humano pelas mãos dos criadores de palavras, assumindo-se aqui a parcial resposta à relação que une efectivamente a identidade do tu deste livro.

E é a vez também para o que os antigos materialistas poderiam exigir para a função poética, a sua percepção do social, a sua vontade de mudar o mundo, a lembrança do tempo das revelações aqui escritas de forma subtil: «(...) os sons que afloram como os felinos/ mais esguios à/ flanela do outono e aos poemas/ escritos com paixão/ no tempo que os homens voltam a nascer, quase/ de madrugada», ou, noutro verso, «encontro-os no caminho/ homens e mulheres/ levantados das

sílabas». Este último verso, oferecendo-nos a força e a intensão da, também primeira obra, de Saramago, «Levantados do chão», aqui encerra o círculo da relação com aquilo que é o do mundo e o que a literatura tem para dar ao mundo. O importante parece sempre o voltar a nascer, com a mesma certeza de que existem sempre madrugadas, lugares à espera de dias novos, de Homens novos, que assaltam a matéria poética, sendo outra das confirmações de um ser uno que se impõe na essência desta obra e que nos ajudam a perceber a dimensão do tu. Estando cada vez mais próximo da resposta final, deparamo-nos com esta autêntica profissão de fé: «(...) segrego na poesia o mundo/ e segrego um mundo que é a poesia:// e assim elas nascem/ as estrofes».

Eis então que se percebe o tu profundo deste livro: o tu é composto pelos imensos sinais que vêm da vida do seu autor: da sua mãe, aqui evocada num dos poemas, da tal mulher que transmudou a vida do poeta, dos homens e das mulheres que se levantaram das sílabas, daqueles que voltam a nascer quase de madrugada, todos eles vertidos na natureza das palavras. O tu é o mundo e o poema. E esta é, de facto, a única biografia que importa, o único sinal autobiográfico que nos interessa, na descoberta do «eu» que nos trouxe este livro e que nele ficará a viver intemporalmente nas nossas e nas vidas futuras.

O fecho desta obra é luminoso e memorável, diz assim: «e quando ao derradeiro sinal se/ fechar o livro/ talvez vamos embora/ reconstruir os sonhos». Apetece-me dizer como se orasse: Assim seja.

Fafe, 30 de Novembro de 2001

**Pompeu Miguel Martins**